

# MARIA JOSÉ GHERARD DOS SANTOS: MINHA VIDA

AS MEMÓRIAS DE UMA ENFERMEIRA-PARTEIRA  
DO INTERIOR DE MINAS GERAIS

KELLY OLIVEIRA BARBOSA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

# VOCAÇÃO

*Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,  
Pede a Deus que a proteja eternamente!  
Porque talvez, em lágrimas, mais tarde,  
Te vejas, triste, d'esta casa ausente...*

**Olavo Bilac**

## 1953

É engraçado como as coisas acontecem na vida. Eu tinha vinte e três anos e estava morando em Alvinópolis. Como muitos dos meus destinos ao longo da minha jornada, aquele não era um lugar onde eu havia planejado estar, planejado viver, mas era para onde eu precisei ir. Eu estava em Alvinópolis tentando escapar dos planos do meu tio e principalmente da obstinação da minha mãe.

Esse meu tio se chamava Rinaldo e morava em Belo Horizonte. Desde a morte do meu pai mesmo ao longe se sentia responsável. Ele queria que eu me casasse com um homem mais velho. Quando soube que eu havia chegado do Rio de Janeiro e estava na casa da minha mãe em Conselheiro Lafaiete, começou a me ligar. Dizia:

*“Arranjei um casamento para você. Você vai se casar e não vai ter mais falta de nada.”*

*“Não, tio, eu não quero me casar. Eu quero ficar com a minha mãe.”* Eu respondia.

*“Está louca menina? Você vai se casar sim! Ele é dono de uma mercearia. Um homem muito rico. Aí você vai poder sustentar a sua mãe, para nunca mais passarem miséria de nada.”*

O tio Rinaldo me fez ir morar na casa dele para trabalhar em uma venda, a venda do Sr. Alvarenga. Disse que era

para me ajudar e a minha mãe e aos meus irmãos. Mas a verdade era que ele pensava que se eu ficasse mais perto do homem rico iria acabar cedendo. Não cedi e voltei sozinha alguns meses depois para casa da minha mãe.

Então, eu que era muito faladeira passei a ficar cada vez mais calada, quem falava o dia todo era minha mãe e o assunto era um só: o casamento.

Foi quando decidi aceitar a proposta do Cônego Moreira. Um dia à tarde, sem que minha mãe soubesse, fui à congregação conversar com ele.

*“Minha mãe quer que eu me case com o homem de qualquer jeito. Eu vou para Alvinópolis como o senhor falou.”*

*“Você vai mesmo?”*

*“Vou, Cônego. Vou dar aulas que é o que eu sei fazer.”*

O padre muito sereno e mesmo naquela situação me disse:

*“Olha, menina, então arruma a sua mala que eu vou mandar o sacristão ir com você na estação amanhã bem cedo.”*

Arrumei minha mala no escuro naquela noite. De manhã, saí escondida enquanto todos dormiam. Entrei naquele trem sem hesitação, sem despedida. Seguiria minha vida junto à Igreja e às irmãs, ministrando minhas aulas aos mais carentes. Era o que eu pensava.

Fui enviada pelo bondoso Cônego Moreira para a Congregação das Irmãs da Beneficência Popular das Servas do Coração de Jesus, fundada em 1946 na cidade de Alvinópolis/MG, pelo próprio Monsenhor Rafael Arcanjo Coelho, que me recebera pessoalmente na ocasião. E imediatamente comecei a ministrar aulas para as crianças do curso primário.

Esse sacerdote era muito simpático e bem-quisto por todos. Era amigo do provedor e diretor do pequeno e único

hospital da cidade, dono também de uma fábrica de tecidos, o Dr. Frederico.

Um dia, durante uma visita à congregação, o Dr. Frederico perguntou ao Monsenhor:

*“Monsenhor Rafael, será que o Sr. me empresta uma professora para fazer estatística para mim?”* Ao que o Monsenhor respondeu prontamente:

*“Emprestar, empresto. Depende só delas desejarem ir.”*

O Mons. já sabia: aquelas moças, com exceção de uma, tinham medo de tudo.

Eu era a professora mais nova, porém a mais saliente. Assim que nos chamou em sua sala e explicou o convite, perguntando:

*“Quem quer ir?”*

Eu respondi diretamente ao provedor:

*“Eu não sei o que é estatística não, mas se o senhor me ensinar, às vezes eu aprendo”,* e deixei claro: *“Eu não tenho medo de hospital não.”*

O provedor deu uma olhada em volta, éramos todas moças novas, mas elas aparentavam serem já mulheres feitas. Eu era a única com cara de menina, baixinha e frágil.

*“Você desse tamanho não tem medo de hospital? Você não tem medo de sangue?”*

*“Não. Machucado sai sangue mesmo e...”*

O Mons. me olhou surpreso e interveio tão rápido que começou até a gaguejar:

*“O ne-negó-cio é... é um... seguinte... ela... ela dá aula.”*

*“Que horas são as aulas dela?”*

*“Começa de manhã e vai até às cinco da tarde.”*

*“Você vai depois das cinco?”*, me perguntou o provedor ainda que continuasse olhando para o monsenhor.

*“Se o Monsenhor deixar...”*

E foi assim que fui parar naquele hospital. De segunda a sexta-feira, depois das minhas aulas, eu caminhava até lá e ia direto para a salinha da secretaria. No começo fiquei um pouco apreensiva, mas não tive tempo para ficar pensando muito. A tal estatística envolvia o preenchimento de fichas do hospital e o registro de acidentes dos funcionários da fábrica do Dr. Frederico. Ele mesmo me ensinou o trabalho, isso é, me recebeu pessoalmente na secretaria durante alguns dias até que disse:

*“Chega. Agora você dá conta sozinha. Eu vou mandando os acidentes e você registra tudo para mim.”*

E eu respondi o que só sabia dizer naquela época: *“Está bem.”*

Não demorei muito a me acostumar com a nova rotina e estava gostando, a sala de aula e a tal “estatística” até combinavam. Mas em uma sexta-feira tudo mudou.

Ministrei minhas aulas de manhã e à tarde. Estava um clima abafado, o céu sem muitas nuvens e o sol ainda forte quando tomei a pé, como fazia sempre, o caminho da congregação ao hospital. Concentrada e fechada naquela sala, não me lembro de ter levantado nem para beber água. Eram mais ou menos umas sete horas da noite e só então percebi a mudança abrupta do tempo. Os trovões pareciam estremecer toda a velha estrutura do hospital. Começou a chover e cada vez mais pesado. A luz piscou. As janelas batiam. De repente um grito agudo.

*“Pelo amorrr de Deus, abre essa pooorta!”*

Saí da secretaria que ficava do lado direito da recepção e tive a certeza: era voz de mulher.

*“Abreee, abre essa pooorta!”*

Corri pelo hospital chamando o Odorico que era o enfermeiro. Tive que esperar um pouco porque ele estava no banheiro no final do corredor à esquerda da recepção.

*“Odorico, tem uma mulher gritando aí fora. Olha o que é.”*

*“Eu não. Mulher louca grita mesmo”,* disse caminhando para o saguão segurando em uma das mãos sua maleta e na outra um grande guarda-chuva. O horário de trabalho da maioria do pessoal encerrava-se às seis da tarde. O motivo de Odorico ainda permanecer por ali era somente porque o céu havia desabado.

A mulher não parava de gritar e socar a porta principal.

*“É pelo amor de Deus que ela está pedindo. Vai lá atender, Odorico.”*

*“Vai você!”*

Eu fui. Puxei um banco para perto da janela da frente, subi, e consegui ver. Uma mulher nem baixa nem alta tentava olhar pelas frestas da porta. Eu perguntei de lá:

*“O que é, Dona?”*

Ela veio desesperada.

*“Ó minha filha! Minha casa caiu e vou ter um neném agora, está quase nascendo. Deixe-me entrar para ganhar ele aí dentro. Por Deus, deixe-me entrar.”*

Eu descii do banco e disse para o Odorico que estava me observando da recepção:

*“É uma mulher que disse que vai ganhar neném.”*

*“Pior ainda. Não tem médico e nem parteira aqui!”*

O provedor não havia aparecido no hospital naquele dia. O médico também não estava e a parteira havia viajado no dia anterior para uma fazenda com o único carro do hospital que enguiçou por lá.

Ouvimos mais uns socos na porta.

*“Odorico, vamos atender a mulher, Deus toma conta.”*

*“Deus vai fazer milagre?!”*

*“Vai.”*

Ele abaixou a cabeça, deu um suspiro e foi abrir a porta. A mulher entrou devagar junto com o vento e a chuva. Ela tremia e ia deixando uma poça de água a cada passo. Só então reparei o tamanho de sua barriga. Odorico que já era muito branco, ficou tão pálido que dava medo.

*“Ai, eu estou toda molhada...”*

Minha reação imediata foi correr até o quartinho onde ficava a roupa de cama do hospital. Dona Ana, a copeira, estava lá.

*“Dona Ana, tem uma mulher aí toda encharcada de chuva, a senhora tem umas toalhas?”*

*“O que é, Maria José, o que é?”*

*“Tem Uma Mulher Aí... toda molhada de chuva e disse que vai ganhar neném.”*

*“Nossa Senhora! Nossa Senhora! Eu sou moça virgem.”*

Ela tinha quarenta e cinco anos na época e eu não entendia bem o que ela queria dizer com isso de ser moça virgem, mas não era primeira vez que eu a ouvia repetir isso.

*“E o que é que tem esse negócio de moça virgem, Dona Ana?”*

*“Moça virgem não vê parto. É só médico.”*

*“Como vamos fazer então? Não tem médico. Não tem parteira. Ela tem que ganhar esse neném.”*

*“Menina, você não entende nada.”*

*“Dona Ana, o negócio é atender a mulher. Isso aqui é um hospital ou, não é?”*

Dona Ana me entregou um camisolão branco, eu peguei as toalhas no armário onde já sabia que estavam e voltei ao



---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

---

### *Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em junho de 2023.

---